

FEMINISMO E GÊNERO NAS CIRANDAS LITERÁRIAS: UM ESTUDO DE CASO

FEMINISM AND GENDER IN THE CIRANDAS LITERÁRIAS: A CASE STUDY

Paula Queiroz DUTRA (Instituto Federal de Brasília)
Ana Carolina CAPUZZO (Instituto Federal de Brasília)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a abordagem de feminismo e de gênero nas aulas de literatura do Ensino Médio Integrado por meio das experiências do Projeto Cirandas Literárias, uma ampliação das Cirandas Dialógicas, idealizada por Silva (2016) e atualmente desenvolvido por diversos docentes do Instituto Federal de Brasília, *campus* Brasília, nas aulas de língua portuguesa voltadas para a Literatura. Considerando que falar de gênero é uma necessidade urgente em nossa sociedade se realmente desejamos atingir um dos objetivos do milênio, como pautado pela Organização das Nações Unidas, e que a literatura, tal como afirma Antônio Candido (2003), tem a capacidade de desenvolver nosso potencial de ser humano e, portanto, de ser mais empático e mais consciente do nosso lugar no mundo, acreditamos que o texto literário tem um papel fundamental no percurso de construção de um mundo menos desigual e sem violência. A partir das Cirandas Dialógicas, termo cunhado por Silva (2016) para as oficinas e rodas de leitura nas quais a voz de todos/as os/as participantes é ouvida e respeitada de modo a desenvolver a autonomia, a crítica e o senso político em sua interação com os textos literários, selecionamos um conto trabalhado com os alunos do Ensino Médio Integrado de modo a descrever o caso específico de uma Ciranda Literária que discutiu questões de gênero e feminismo a partir do texto literário, assim como apresentar seus desdobramentos por parte dos leitores e leitoras.

PALAVRAS-CHAVE: Cirandas Literárias. Leitura. Ensino. Feminismo. Gênero.

*Num mundo de homens e caçadores,
a palavra foi a minha primeira arma.
Mia Couto, A confissão da Leoa*

Introdução

No ano 2000, representantes de diversos países se reuniram para assumir juntos o compromisso de alcançar oito objetivos até o ano de 2015 e, agora, de 2030. Entre os objetivos, encontra-se o de promover a igualdade de gênero e a autonomia das mulheres. Falar de gênero, portanto, passa a ser um compromisso e uma responsabilidade coletiva na construção de um mundo menos desigual e menos violento com as mulheres, principalmente no ambiente escolar, responsável por uma formação cidadã para todos e todas.

Falar de gênero, portanto, significa falar das inúmeras violências que são resultado e instrumento de manutenção da ordem social patriarcal que privilegia um gênero em detrimento do outro, que legitima assassinatos e discriminação.

Como destaca Beatriz Accioly Lins (LINS *et al*, 2016, p. 24), é através do debate que podemos pensar “o quanto as diferenças de gênero são produtos da história e da educação em nossa sociedade” e, com isso, é possível transformar a realidade violenta em que vivemos. Contudo, ainda segundo Lins (LINS *et al*, 2016, p. 24), é importante ter em mente que combater hierarquias de gênero não significa apagar todas as diferenças. Igualdade entre as pessoas não é anular as nuances e as diferenças existentes entre elas, mas garantir que tais variações não sejam usadas para se estabelecer relações de poder, hierarquias, violências e injustiças.

Diante disso, nós, professoras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, *campus* Brasília, em consonância com a necessidade de se ampliar o debate sobre as questões de gênero, sensibilizar os/as estudantes para a necessidade da leitura e aproximá-los à arte literária, desenvolvemos um projeto coletivo, as Cirandas Literárias, idealizado por Silva (2016) e desenvolvido juntamente com outras docentes do IFB.

O projeto Cirandas tem por objetivo desenvolver a competência leitora dos estudantes do Ensino Médio Integrado, por meio da arte literária, considerando e respeitando a voz de todos os participantes de modo a desenvolver a autonomia, a crítica e o senso político em sua interação com os textos literários. Tem como embasamento teórico a Teoria da Estética da Recepção proposta por Jauss (2002) e a Teoria do Efeito Estético proposta por Wolfgang Iser (1996-1999).

Segundo Silva (2016), Jauss (2002) defende a supremacia do leitor para a concretização da obra literária, ou seja, o texto literário só o é se lido. O segundo, Wolfgang Iser (1996-1999), numa perspectiva interacionista, defende a ideia de que o sentido, a obra literária, se concretiza na leitura, ou seja, na interação entre texto e leitor. Assim, parte-se da ideia de que a compreensão ocorre na estrutura formal do texto, contudo deve-se ter uma preocupação com o olhar do leitor para que se compreenda o processo de recepção. A leitura só se realiza no embate entre leitor e texto. O texto é o caminho pelo qual o leitor constrói expectativas. Os vazios do texto suscitam no leitor o desejo de ler. Assim, considera-se que a mediação à leitura é importante nesse processo de construção e motivação do leitor literário. É também nesse espaço dialógico que podemos discutir e refletir sobre questões importantes na formação dos e das estudantes enquanto cidadãos/cidadãs que promovem mudanças no mundo em que vivem.

O projeto Cirandas Literárias acontece nos três anos do Ensino Médio Integrado. Neste artigo, apresentamos o relato de experiência e algumas reflexões a partir de uma oficina realizada com um grupo composto por estudantes das três fases do Ensino Médio Integrado. O texto selecionado para a oficina foi o conto “A Cabeleireira”, da escritora portuguesa Inês Pedrosa, que aborda diversas formas de violência contra a mulher, da infância à idade adulta. Considerando o que afirma Antônio Candido (2011) de que a literatura amplia nossa capacidade de ser humano, transformando nosso olhar sobre a dor do outro e sobre vivências distintas das nossas, acreditamos que a literatura pode auxiliar na construção de um mundo menos desigual e livre de violências. Nas palavras de Freire, Haddad, e Ribeiro (2009, p.15-16):

Não bastarão leis, se não houver a transformação de mentalidades e práticas, daí o papel estruturante que adquirem as ações que promovam a discussão desses temas, motivem a reflexão individual e coletiva e contribuam para a superação e eliminação de qualquer tratamento preconceituoso.

O conto selecionado narra a vida de uma menina, que desde a infância lhe é ensinado que para ser feliz é necessário fazer feliz, ou seja, reforçando o papel de submissão e passividade constantemente atribuído às mulheres. Ao longo da sua vida, e por conta dos estereótipos de gênero aprendidos na infância, muitas das escolhas da personagem são reflexo desse papel, na medida em que fica em silêncio quando é abusada sexualmente por um tio, quando se cala diante de inúmeras agressões físicas e psicológicas que sofre do marido. No conto, a questão da violência de gênero também é representada como um problema passado de

geração em geração, pois a mãe da personagem também sofre violência patrimonial e reproduz o sexismo social ao ensinar para a filha os mesmos comportamentos aprendidos na infância, perpetuando, assim, a vida do patriarcado. O conto, por retratar o final trágico da cabeleireira na prisão, permite refletir também de que a violência só gera mais violência e nunca deve ser a solução. Ao ser presa por matar o marido para se salvar da última agressão, a personagem do conto nos faz refletir sobre a condição das mulheres vítimas de violência doméstica que, pela falta de apoio social e do Estado na garantia de seu bem-estar, só encontra na violência uma forma de assegurar sua vida.

A OFICINA

O processo da Ciranda Literária, em acordo com o projeto de Silva (2016), consiste em cinco momentos: preparação da ciranda; durante a aplicação, exposição dos objetivos; seguida da motivação para a leitura, que pode ocorrer de diversas formas; realização da leitura e da ciranda – momentos dialógicos por excelência –, e produção escrita, em que se revelam os efeitos da leitura.

Vale destacar, ainda em Silva (2016), que o resultado do trabalho com a leitura deve estar claro para os envolvidos nas cirandas dialógicas/literárias: ler pelo prazer de ler, para o devaneio; ler para escrever referencialmente a respeito do texto; ler para escrever poeticamente; ler para discutir as ideias do texto; ler para descobrir informações referentes ao mundo ao qual o texto reporta, entre outros (SOLE, 1998). Os leitores precisam saber por que motivo lerão, no sentido de compreender a movimentação estratégica pela qual passarão, inclusive para poderem, em outras circunstâncias de leitura, aplicar o mesmo processo (meta) cognitivo.

A elaboração da oficina inicia-se pela escolha do texto, a leitura e a proposição dos objetivos. No caso deste relato, as alunas escolheram o tema que gostariam que fosse abordado, o feminismo e os direitos humanos, e nós selecionamos o texto a ser trabalhado: um conto da autora portuguesa Inês Pedrosa. O conto foi o gênero literário escolhido em virtude de ter sido estudado pelas alunas do Ensino Médio, sendo possível identificar no texto aspectos da estrutura do conto, assim como por sua brevidade. Uma sucinta apresentação sobre a autora do conto foi feita, problematizando a importância da leitura de autoras e o espaço que as mulheres escritoras ocupam no campo literário.

Em seguida, partimos para a leitura coletiva do texto. Após esse momento, várias questões foram levantadas pelas alunas. Entre elas, a condição de vulnerabilidade a que as mulheres estão submetidas dentro dos seus espaços familiares, lugar que deveria lhes proporcionar segurança e não violência. À medida que ia-se refletindo sobre as questões, as alunas foram relatando experiências sabidas e vividas por mulheres próximas, muitas vezes membros de suas famílias, e como a sociedade e suas instituições ainda estão bastante incipientes na resolução desses problemas. Essa experiência textual lhes proporcionou a oportunidade de nomear violências por vezes vividas em seus próprios lares, por pessoas próximas ou até por elas mesmas. Considerando a importância de nomear as violências como passo primordial para seu enfrentamento, a oficina foi muito positiva nesse quesito. Além disso, durante a leitura, vários pontos estudados pelas críticas literárias feministas (DUTRA, 2016) foram observados no conto, jogando luz sobre aspectos como a dificuldade de publicação que as mulheres enfrentam no mercado editorial, como os problemas de representação encontrados em representações masculinas e a

importância de termos acesso a representações literárias feitas por mulheres, a partir de sua perspectiva social.

Após a leitura e a reflexão, foi proposto que elas escrevessem uma carta à personagem sobre o que sentissem vontade de dizer a ela. Elas poderiam usar ou não o que foi discutido na ciranda. Com isso, pretendíamos deixá-las livres para se expressarem abertamente sobre os assuntos do texto, assim como sobre suas reações pessoais frente às questões presentes no conto, e obter um retorno sobre o conto escolhido por meio da produção escrita, conforme um dos momentos da Ciranda em que se revelam os efeitos da leitura.

A seguir, transcrevemos dois textos oriundos da Ciranda. O primeiro, escrito por uma aluna do 1º ano e o segundo, do 2ºano.

Prezada cabeleireira,

Iniciei esse diálogo com o intuito de te falar que a sociedade por si própria é muito opressora.

Na minha opinião você estava sobrecarregada demais e aquele homem estava ultrapassando limites, e você apenas se defendeu daquele covarde; a justiça foi muito falha quando te prendeu.

Nós mulheres precisamos nos unir contra essas agressões domésticas e outras coisas.

E por fim só queria te falar que eu te admiro muito, você é forte.

Quadro 1 – Redação produzida por estudante na Ciranda Literária.

Brasília, 27 de junho de 2019.

Cara cabeleireira,

Gostaria de dizer que sua história me tocou bastante, pois infelizmente existem muitos casos como o seu. Me entristece tanto quando lembro, ou pior, vejo o que o ser humano é capaz de fazer com seus iguais, como foi o caso de seu ex-marido, ou melhor, de seu ex abusador. Realmente vivemos em uma sociedade onde esse tipo de violência é aceita e de certa forma até mesmo apoiada, mas gostaria de dizer que você não está sozinha e te parabenizar por sua força (não no sentido de você ter conseguido revidar os abusos, mas sim por você ter se levantado perante eles sem violência). Quando li sobre sua filha, me doeu no fundo da alma, e sinto muito pela sua perda, acredito que a teria criado com o maior amor e bondade, pois é quem você é. Sim, a senhora é boa, apesar das coisas ruins que foi obrigada a fazer, seu coração é bom e não cruel como você afirmou. E sei disso, pois você demonstra amor pelos outros (sua filha, seu pai – apesar das coisas que ele te falou, ou no caso não falou!).

Sabe o que mais me entristece? É ver que pessoas cruéis (o que repito novamente, não é o seu caso!) usam suas interpretações da bíblia para manipular e justificar sua maldade. Quero que saiba que esse Deus que te apresentaram não é o Deus verdadeiro, Ele não quer que você baixe a cabeça para esse tipo de coisa, porque você também foi criada por Ele, e saiba que Este te ama muito, prova disso é que você está recomeçando agora, e sei que fará o seu melhor para seguir sua vida. Você é forte, e apesar de seus erros, a senhora não está sozinha, lhe desejo tudo de bom, pois você merece! Com carinho ---

Quadro 2 – Redação produzida por estudante na Ciranda Literária.

Considerações finais

Refletir sobre as assimetrias de gênero tão estruturantes de nossa sociedade é, sem dúvida, um dos pontos principais ao se falar de gênero nas escolas. É por meio da leitura e da reflexão sobre as consequências violentas de uma sociedade patriarcal que podemos criar caminhos de desconstruir os estereótipos e preconceitos que a fundamentam, possibilitando novas formas de ver, sentir e agir diante do outro, pois como observa Rildo Cosson (2018, p. 35) “ler é um diálogo que se faz com o passado, uma conversa com a experiência do outro”.

Falar de feminismo e gênero, apontando questões tão urgentes como a violência doméstica, a discriminação contra a mulher e as muitas formas de assédio cotidianas tem promovido o reconhecimento de situações violentas por eles vividas, até então não nomeadas como tal, o que certamente incentivará futuras denúncias e a superação de traumas decorrentes desses eventos, além de ampliar a empatia diante do sofrimento do outro, potencializando modos de desconstruir preconceitos e mitos vigentes no senso comum sobre as mulheres vítimas de violência, por exemplo.

A experiência das Cirandas Literárias tem promovido espaços riquíssimos de discussão e reflexão, permitindo um ambiente de aprendizagem mais humano e benéfico para estudantes e professoras. Criar um espaço verdadeiramente dialógico no qual a leitura tem um lugar especial tem aproximado os/as estudantes do letramento literário que buscamos estimular, assim como tem fomentado a capacidade crítica dos e das estudantes que hoje encontram mais facilidade nesse diálogo com o texto literário e com suas próprias palavras durante a produção de texto.

Após a leitura dos textos produzidos pelas alunas percebemos que a temática provocou grande sensibilização, gerando não apenas uma discussão rica pós-leitura, mas uma motivação maior para produzir um texto na sequência didática proposta. Fica claro, portanto, que ainda há muito mais a ser trabalhado e dito sobre os temas relacionados a gênero, feminismo e diversidade no espaço privilegiado de aprendizagem e escuta que é a sala de aula de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5 ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 2a edição. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

DUTRA, P. Representações de violências contra a mulher em A cabeleireira, de Inês Pedrosa e Cecília na terra de Santa Cruz, de Ana Liése Thurler. **Revista Inventário**. Salvador, n.16 jan-jul, 2015.

FREIRE, N.; HADDAD, F.; SANTOS, E. Construindo uma política de educação em gênero e diversidade. In: PEREIRA, M. E. et al. (Org.). **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Rio de Janeiro: CEPESC, 2007. p. 9. Acesso em 23 de outubro de 2019. Disponível em: http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**, v.1/ tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo. São Paulo: Ed.34, 1996.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**, v.2/ tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo. São Paulo: Ed.34, 1999.

JAUSS, Hans Robert. **A estética da recepção colocações gerais**. In: LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

PEDROSA, Inês. "A cabeleireira". In: PEDROSA, Inês. **Fica comigo esta noite**. São Paulo: Editora Planeta, 2007. p. 41-60.

SILVA, Rosa Amélia Pereira. **Travessias literárias em perspectiva interacionista**: teoria e prática. Arinos: Edição do autor, 2016.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.